

CLÁUDIO MANUEL E O DRAMA DA MORTE DE ALEXANDRE MAGNO

Cláudio Manuel and the drama of the Alexander Magno's Death

*Carlos Versiani**

RESUMO: Este trabalho busca fazer uma análise de texto dramático do poeta Cláudio Manuel da Costa, parcialmente inédito, que narra o episódio da morte de Alexandre Magno. O poema que finaliza o drama já era conhecido, em publicação de 1903, com o nome de “Ode ao Sepulcro de Alexandre Magno”. Agora trazemos esta ode dentro do seu contexto original: como a última fala da personagem Olímpia, mãe de Alexandre, que encerra o texto dramático agora transcrito e publicado.

Palavras-chave: Cláudio Manuel; Literatura dramática; Alexandre Magno

ABSTRACT: *This paper seeks to make an analysis of a dramatic text written by poet Claudio Manuel da Costa, partly unpublished, which tells the story of the death of Alexander the Great. The poem that closes the drama was already known in 1903, when it was published under the name of "Ode to Alexander Magno's Sepulchre". Now we bring this ode within its original context: as the last say of Olympia, Alexander's mother, ending the dramatic text which is now transcribed and published.*

Keywords: *Cláudio Manuel; Dramatique literature; Alexander the Great.*

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; professor da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil; financiamento da CAPES, com bolsa sanduiche em Portugal; carlos.versiani@gmail.com.

Cláudio Manuel da Costa dedicou grande parte da sua produção poética ao teatro. E isso desde o alvorecer da sua vida literária. Pelo menos é o que aponta a biografia apresentada em 1759 à *Academia dos Renascidos*, da Bahia, onde se tornara sócio, em que se diz autor de várias “poesias dramáticas que se tem muitas vezes representado nos teatros de Vila Rica, Minas em Geral e Rio de Janeiro”: *Mafalda Triunfante, Cyro ou A Liberdade de Cambises, Circe e Ulisses, Orlando furioso, Siques e Cupido, Calipso*; além das traduções dos dramas do Abade Pedro Metastásio: *Artaxerxes, Dircea, Demétrio, José Reconhecido, O Sacrifício de Abraão, O Regulo, O Parnaso Acusado*. Afirma serem “alguns destes dramas em ritma solta, outros em prosa, proporcionados ao teatro português” (LAMEGO, 1919, p. 18). Também já foi pesquisado o seu envolvimento com a *Casa da Ópera* de Vila Rica, inaugurada em 1770 pelo amigo João de Souza Lisboa, que, em correspondência de 1773, dirigida ao capitão-mor de São João Del Rei, citaria outra peça de Cláudio Manuel:

Nesta vila de S. João se acha Carlos Joaquim Roiz, filho de São Paulo, o qual foi desta vila para essa; e recolhendo-o em minha casa pelo amor de Deus, depois de estar bastante tempo se ausentou dela e fez a dita viagem, como digo carregando-me várias óperas e papéis de solfa, e um ato da ópera de São Bernardo, que este não é meu, sim do Dr. Cláudio Manoel da Costa, que me traz amofinado por ele, por ser obra sua e a quererem por agora na Quaresma no tablado.” (In: VERSIANI, 1996, p

Infelizmente, até o presente momento, pouca coisa se descobriu da vasta dramaturgia de Cláudio Manuel. Publicados foram apenas *O Parnaso Obsequioso, Comédia do mais alto segredo – Artaxerxe e Ópera de Demofonte em Trácia*.¹ Não obstante, em muitos outros poemas, de natureza vária, podem se encontrar traços da sua inclinação para a dramaturgia, como é o caso de algumas odes e éclogas. Como exemplo, citamos a écloga *Alegria de Minas e Saudade de Portugal* (PROENÇA FILHO, 1996, p. 325-331). Ali se vê um movimentado jogo cênico/musical entre os personagens Alcindo, Salício e Lucinda, que poderia facilmente ser adaptado e se transformar em uma pequena peça teatral, ou uma pequena opereta.

O texto que ora analisamos consta do *Manual de Obras*, códice que se encontra microfilmado na Biblioteca Nacional de Lisboa, e que brevemente será publicado em

¹ *O Parnaso Obsequioso* foi publicado originariamente por MELLO FRANCO, 1931. Enquanto as traduções de Metastasio, *Artaxerxe* e *Demofonte*, foram publicadas, respectivamente, por BARBOSA, 1984 e ESTEVES, 2007.

toda sua íntegra. Sob o título *Carta de Alexandre à sua mãe Olímpia*, se introduz na verdade um longo texto que pode ser classificado como dramático, no qual a dita “Carta” diria respeito apenas à primeira cena. Por isto tomamos a liberdade de subdividir e enumerar o texto, para melhor compreensão da sua estrutura dramática, a partir da lógica sequencial das cenas, da forma como aparecem nos manuscritos. Na nossa transcrição, atualizamos a ortografia, mas mantivemos o formato, a pontuação e as maiúsculas do texto original. Este é composto por sete pequenas cenas, finalizadas pela ode *Junto à urna de Alexandre o Magno*, que também integra o corpo do drama descrito. A ode já havia sido publicada por João Ribeiro em separado, com o nome *Ode ao Sepulcro de Alexandre Magno* (RIBEIRO, 1903, p. 69-72)², mas seu conteúdo, como se verá, tem a ver com a finalização do texto dramático anterior.

Na primeira cena, Alexandre Magno, vendo chegar a hora da sua morte, chama o seu secretário e dita a carta endereçada à sua mãe. Na segunda cena, Olímpia lê a carta de Alexandre e decide preparar uma grande cerimônia, convocando todos os habitantes da cidade, à exceção daqueles que, conforme lhe pedira Alexandre, não tivessem “ressentido em todo o curso da sua vida alguma aflição”. A terceira cena descreve a chegada do esquife de ouro em Alexandria, para a pompa fúnebre. Na cena seguinte, em que há um número maior de falas dos personagens, tem-se a homenagem dos filósofos gregos convidados para a cerimônia, entre eles Platão e Aristóteles. A cena 5, mais dramática, de maior ação, mostra Roxane, a “mais amada das esposas de Alexandre”, lamentando a morte do marido e execrando a fala dos filósofos. Na última cena aparece Olímpia, abraçada ao túmulo do filho, fazendo o discurso que finaliza o drama; discurso este que se complementa exatamente com a ode “Junto à Urna de Alexandre o Magno”.

Cláudio Manuel é um poeta eclético, não apenas pela diversidade de gêneros que experimentou em sua vasta obra poética, mas também pela forma original como trabalhava esses gêneros, adotando, para além das convenções, uma assinatura própria. Esta junção da ode com o texto dramático é um exemplo, como o são as junções que faz

² A ode transcrita por João Ribeiro apresenta muitas diferenças em relação ao manuscrito do *Manual de Obras*. O primeiro biógrafo de Cláudio Manuel usou como fonte a publicação que saíra ainda em 1809, na *Coleção de poesias inéditas dos melhores autores portugueses*. As diferenças entre o presente manuscrito e a versão de Ribeiro vão comentadas em notas no corpo da nossa transcrição. Deve-se acrescentar que a presença da ode em publicação anterior só reforça a designação de autoria. Na opinião abalizada de Melânia Aguiar, que primeiro teve acesso ao *Manual de Obras*, “a coincidência de indicação de uma mesma autoria em códices antigos diversos, sua presença em determinado conjunto sabida ou supostamente do autor e a filiação estilística são dados que, em conjunto, têm seu peso e seu significado, na atribuição de autoria, confirmando suspeitas”. (AGUIAR, 2007, p. 180)

entre alguns epicédios e sonetos, ou a carga intensamente dramática imprimida a muitas das suas éclogas pastoris. Sabemos que o texto que ora se apresenta não constitui, propriamente, nem há indicação textual disso, uma peça teatral. Não há tamanho, nem diálogos suficientes para tanto. Tampouco podemos afirmar peremptoriamente que o poeta tivesse a intenção de adaptá-lo para o palco. Mas decidimos nomeá-lo como texto dramático, porque existem inúmeros elementos que induzem a uma leitura do texto como uma sequência de cenas que poderiam ser dramatizadas.³ No texto aqui transcrito existem personagens fortes, que se movimentam e se interagem; o esboço de diálogos e conflitos, com descrições que possibilitam a construção imagética das cenas; e ainda é possível encontrar rubricas do autor, indicando uma possível forma de atuação para a interpretação dos personagens. É o caso, por exemplo, da indicação sobre o movimento da Roxane, após sua homenagem junto ao túmulo do marido: “Voltando-se depois *com um ar de indignação* ao lado dos Filósofos...”⁴

No drama, Cláudio Manuel foi um recorrente “imitador” de Metastasio, traduzindo ou adaptando peças de sua autoria. Mas podia imitar bem, porque, além de bom poeta, conhecia na língua original a obra do árcade italiano. E ao tempo de Cláudio Manuel, ruim não era imitar, era imitar mal. Muitos à época imitavam Metastasio. Até o francês Jean Jacques Rousseau o imitou; outro árcade brasileiro, o José Basílio da Gama, chegou a traduzir uma “imitação” do filósofo francês. Na Biblioteca Nacional de Lisboa há um impresso intitulado *A Liberdade, cançoneta de Metastasio, imitação de J.J.Rousseau, tradução de Basílio da Gama e de um anônimo*.⁵ Traduções e adaptações à época eram também chamadas de imitações. O texto de Cláudio Manuel, ao que se sabe até o momento, não foi “imitação” de nenhum drama alheio. O mais próximo que encontramos do tema aqui tratado é a peça de Metastasio chamada “Alexandre na Índia”. Mas ela se distancia em muito da estrutura e do assunto aqui tratado. Em suma,

³ Na verdade, ele não se difere do estilo de muitas prosas “dramáticas” correntes no século XVIII em Portugal. Como vimos, o próprio Cláudio admitira em 1759 a autoria de dramas “em prosa proporcionados ao teatro português”. (MELLO FRANCO, ob. cit.)

⁴ Cena 5, linha 4. Grifo nosso.

⁵ BNL, 3713//13p. Na verdade, esta foi uma versão publicada em 1810. Na mesma Biblioteca encontra-se outro manuscrito anterior, de 1773, intitulado “A Liberdade do Senhor Pedro Metastasio, poeta cesáreo, com a tradução franceza de M. Rousseau de Genebra e a portuguesa de Termindo Pastor Arcade”. (BNL, 10652//5v). Talvez a aposição do codinome “de Genebra” (local de nascimento de Rousseau), fosse uma tentativa de passar pelo crivo da Real Mesa Censória, já que todas as obras deste autor se encontravam proibidas em Portugal. Neste manuscrito ainda não está o “anônimo” que quase 30 anos depois, juntou a sua própria imitação, já com características nitidamente românticas, às dos ilustres precedentes.

o drama da morte de Alexandre Magno, por Cláudio Manuel da Costa, está aqui transcrito, agora não mais inédito como texto, mas muito provavelmente ainda inédito nos palcos.

1

Carta de Alexandre
à sua mãe Olímpia⁶

Alexandre: tocando a sua
última hora fez chegar o seu Secretário,
e lhe ditou a carta seguinte, dirigida à
sua Mãe Olímpia = Alexandre,
que ontem era o Senhor de toda a Terra,
e que hoje vai a ser encerrado nas suas
entranhas, à Olímpia, a mais terna
de todas as Mães, que ele por tão pou-
co tempo viu, e que ele não tornará a ver
jamais; saúde = Meus antepassados
me têm aberto o caminho aonde eu me
vejo, e eu vou abri-lo àqueles, que
hão de vir ao depois de mim; Vós mes-
ma, Mãe infeliz, vós marchais atrás
dos meus passos: Corre pelos homens,
o mesmo que pelos dias; eles se sucedem
rapidamente uns aos outros, e vão a
perder-se no abismo da Eternidade: não
vos deixeis pois enganar pelos atrativos
deste Mundo mentiroso; mais são grandes
os seus favores, menos eles são duráveis.

O fim trágico do Rei Felipe meu Pai,
é um exemplo bem edificante: Suas

⁶ Alexandre Magno (356-323 a.C.), Rei da Macedônia, cujo império chegou a se estender da Grécia aos Balcãs, englobando o Egito, a Pérsia e a Índia, morreu na Babilônia antes de completar 33 anos, não se sabe se envenenado, por malária ou febre tifoide. Seu corpo foi transferido para Alexandria, cidade que fundou, sendo ali sepultado. Sua mãe, Olímpia, com quem pouco conviveu, era uma ardorosa fiel do Deus Dionísio.

virtudes, seus triunfos, vossos votos, vosso amor, nada tem podido evitá-lo ao golpe mortal, que de vós o roubou; e posto que eu morro no vigor da minha idade, ele contudo me não pode sobreviver: Suportai constantemente a minha perda e não deixeis correr Lágrimas, igualmente indignas de vós, e de mim: passai na solidão os dias, que a viver vos restam; ou se vos assusta o retiro, não admitais na vossa companhia mais do que aqueles, que não houverem suportado as provas da adversidade; o seu pequeno número, (se contudo algum há na Terra perpetuamente feliz), será para vós um motivo de consolação.

Quanto a mim, eu parto; os lugares que me esperam, me oferecem uma tranquilidade, que eu jamais pude aqui gozar. A pretexto dos tenros laços, que me unem vos não deixeis dominar pelas aflições; esta é a última prova, que exige de vosso amor um filho, que vos respeita. Possa esta carta, que eu dato do último dia deste Mundo e do primeiro do outro adoçar as vossas penas, e solevar vossos males. Eu o desejo, e eu me lisonjeio, não façais mentirosa uma esperança tão consolante para mim, e não contristeis a minha alma por uma dor imoderada. Adeus.

2

Olímpia, depois de ter lido a Carta de Alexandre, fez preparar um festejo, e indiferentemente mandou com-

vidar todos os habitantes da Cidade, em que ela se achava. Ela ordenou somente ao seu Ministro de Cerimônias de não deixar entrar mais que aqueles, que o assegurassem de não haver ressenti- do em todo o curso da sua vida alguma aflição. O oficial anunciou a todos aqueles, que se apresentavam a condição, que havia imposto a Rainha: o reti- ro de todos os convidados descobriu a Olím- pia, que a adversidade é comum a to- dos os homens; e ela passou a consolar-se com a morte do seu Filho.

3

O Corpo deste Príncipe foi encer- rado em um Esquife de Oiro, que File- mon, um dos seus generais⁷, conduziu a Alexandria. Logo que a pompa fúnebre foi chegada a esta Capital do Egito, o Esquife foi depositado no meio da Praça pública; ela estava cheia de um grande concurso de Povo, que um espetáculo extraordinário ali havia atraído.

4

O General macedônio para honrar as exéquias do Conquistador do Universo, ordenou aos Filósofos, e aos Sá- bios de celebrar as suas virtudes, e de fazer o seu elogio; de maneira contanto, que os

⁷ Os quatro principais generais de Alexandre seriam Ptolomeu (que acabou ocupando posteriormente seu trono), Cassandro, Lisímaco e Selêuco. Contemporâneo de Alexandre foi o poeta comediógrafo grego Filemon, que nascera em 362 a. C e morrera centenário. Desconhecemos a fonte (ou se foi licença poética) de Cláudio Manuel, ao atribuir este nome a um dos generais de Alexandre. Há notícias da presença do poeta Filemon em Alexandria, mas durante o reinado de Ptolomeu II, filho de Ptolomeu.

seus discursos nesta triste circunstância compreendessem coisas consolantes para os Amigos de Alexandre, e instrutivas para todo o Mundo.

Filemon, ele mesmo levantando-se primeiro, e avizinhandose ao Túmulo disse: Nós temos diante dos olhos um exemplo bem tocante do nada das grandezas humanas. A adversidade, ó Alexandre, que como uma Escrava marchava por detrás de ti precede hoje os teus passos, e a felicidade, tua fiel companheira: tem deixado os teus lados por ir tomar o assento da adversidade. Reis da Terra, que este Herói tem vencido, chorai a vossa sorte, se é que vós atreveis a fazê-lo, vendo a sua.

Platão disse = Ó tu, que enganado por uma glória vã querias devorar tudo, outros vão a recolher o fruto dos teus trabalhos, e das tuas fadigas. De tantas Conquistas nada mais te resta, que a conta terrível, que estás obrigado a dar ao Soberano Julgador.

Aristóteles disse= Nós caminhamos todos ao mesmo termo, a que tem chegado Alexandre; tenhamos pois por aquilo que deve durar eternamente o mesmo aferro, que temos por aquilo que é passageiro.

Filotas disse=Não nos admiramos de que Alexandre nos não haja dado alguma instrução durante a sua Vida; ele previa que a sua morte seria para nós

uma lição suficiente.⁸

Metron disse= Ontem o Universo
em silêncio ouvia as suas palavras, ouves
tu presentemente aquelas que nós te diri-
gimos?⁹

Sis disse = Alexandre no te-
mor de morrer tem feito acabar milhões
de homens; como não tem ele podido reba-
ter a morte pela morte?¹⁰

Demétrio disse = Ó tu de
quem a cólera era tão terrível, por que te
não tens posto em cólera contra a morte pa-
ra a forçar a retirar-se?¹¹

Filopater disse= Ontem a tua
voz fazia vacilar os Impérios, e a Sombra
do teu Trono cobria toda a Terra; hoje o teu
Trono é destruído, e a tua voz se acha e-
mudecida.¹²

Sólon disse= Jamais os dis-
cursos de Alexandre não têm sido tão elo-
quentes como o Silêncio, que ele agora ob-
serva.¹³

Xenofonte disse=: O golpe
da morte não deveria surpreender os ho-

⁸ Filotas foi um dos comandantes da cavalaria e um dos mais próximos colaboradores de Alexandre, acabando morto em 330 a. C, sob a acusação de traição.

⁹ Meton de Atenas (460-420 a.C.) foi um astrônomo e matemático, responsável pelas descobertas que fixaram o calendário grego até o ano de 46 a. C. No manuscrito, está grafado “Metron”, nome de que não há nenhuma referência na Grécia antiga. Pudemos certificar o nome correto após cotejamento com a ode publicada por RIBEIRO, ob. cit.

¹⁰ Da mesma forma, não conseguimos identificar o nome Sis, como relacionado a Alexandre Magno, ou à Grécia antiga. Talvez se trate de um erro de grafia do autor ou copista.

¹¹ Demétrio Pollorcetes (337-283 a.C.) era filho de Antígono, um dos generais de Alexandre. Participou das guerras que se sucederam após sua morte, herdando parte do Império.

¹² Talvez se trate de Filopater (236-176 a.C), filho de Antíoco III Magno, sucedendo-o como sétimo rei da Dinastia Selêucida, em um império que incluía a Mesopotâmia, Síria, Babilônia e a Pérsia. Embora tenha nascido posteriormente à morte de Alexandre, é irrelevante para a poesia esta informação.

¹³ Sólon (638-558 a.C.) foi o grande legislador grego, que lançou as bases das reformas sociais e políticas para a instauração da democracia ateniense. Poeta, também compôs elegias morais e filosóficas.

mens, mas eles cerram os olhos, e se tapam os ouvidos no temor de a ver, e de a ouvir.¹⁴

Thison disse= Mortais não choreis aqueles, que têm cessado de chorar, derramai antes lágrimas sobre vós mesmos.¹⁵

Filaton disse = Ó tu, que achavas o Universo um Campo muito limitado para a tua ambição, como te contentarás hoje de um lugar tão estreito como o de um Túmulo?¹⁶

5

Logo que os Filósofos tiveram cessado de falar, Roxane, a mais amada das Esposas de Alexandre¹⁷ se pôs no meio da Assembleia, e abraçando o féretro = Grande Rei, gritou ela, Eu não imaginava quando tu venceste a meu Pai Dario, que o teu Reino deveria ser tão brevemente destruído. Voltando-se depois com um ar de indignação ao lado dos Filósofos; fracos aduladores de Alexandre durante a sua vida, vós ousais, lhes diz ela, tornar-vos Censores seus depois da sua morte; se em lugar de fazer o elogio deste Herói, vós tendes pretendido insultar os seus Manes, lembrai-vos que vós sois mortais como eles; e que obrigados pela vossa profissão a uma virtude mais austera, se vos farão um dia com mais justiça as mesmas repreensões,

¹⁴ Xenofonte (ap.430-355 a.C.), filósofo grego, um dos mais conhecidos discípulos de Sócrates.

¹⁵ Não conseguimos identificar o filósofo, governante ou militar Thison. Talvez se trate de um erro de grafia do autor ou copista

¹⁶ Da mesma forma, não conseguimos identificar o nome Filaton, ou Philaton, como relacionado a Alexandre Magno, ou à Grécia antiga. Talvez se trate de um erro de grafia do autor ou copista.

¹⁷ Roxane, ou Roxana, foi uma das mulheres com quem Alexandre se casou, e a única a lhe dar um herdeiro, nascido seis meses após a sua morte, que receberia o título de Alexandre IV. Ao contrário do que diz a Ode, ela não era filha de Dario, mas de Oxyartes, nobre de menor hierarquia. A filha de Dario III, Rei Persa, se chamava Estatira e foi também esposa de Alexandre.

que vós presentemente lhe fazeis.

6

Olímpia, que pendente esta
triste cerimônia tinha estado debruçada
sobre o Túmulo do seu filho, levantou-se
falando com ele= Ó filho assaz
ambicioso, o que eu te havia prognosticado
te há enfim sucedido; muito ávido em
Conquistas tu tens feito a do Universo, e o
Universo é hoje nada para ti.

Junto à urna de Alexandre o Magno:¹⁸

Ode

Cercando a Urna de ouro
Eu vejo aos Generais do forte Grego;
À fria sombra me avizinho, e chego;
 Observo o murcho Loiro
 Na descorada testa;
Nada do antigo resplendor lhe resta;
Mal da lânguida mão de indústria preso
Cai, ou pende do Cetro o inútil peso.

 Se serás de Felipe
O Vencedor Herdeiro? aqui pergunto:
Deixa, que ao Mundo a teu cadáver junto
 Este aviso antecipe;
 Ele não pode crer-te:
Se hoje Olímpia por ti Lágrimas verte,
Aonde estão, ó Grande, aonde as glórias
*Com que a Pátria te honrou tantas vitórias?*¹⁹

¹⁸ Grifamos em itálico as partes do poema que estão transcritas de forma diferenciada na versão publicada por RIBEIRO, ob. cit., apresentando em notas as diferenças. Ignoramos, no entanto, as diferenças simplesmente ortográficas ou de pontuação que não interferem no sentido ou significado dos versos da Ode.

Às regiões distantes,
*Aos limites da terra derradeiros*²⁰
 Nós te vimos marchar entre os Guerreiros
 Esquadrões triunfantes:
 Até os Reinos da Aurora
 Levaste o ferro, e a chama abrasadora;
 Mas desde o Indo, e desde o Idaspe, cheio
 Voltas de Luto, e aterra te abre o seio.

E que espaço te espera
 Do Conquistado Globo? Acaso a vasta
 Extensão do *Oriente*?²¹ Ah, não, não basta.
 A Alexandre, que dera
 Tanto susto ao universo;
 Que afrontando o terror de Marte adverso
 De novos Mundos à Conquista aspira
 Não basta o mundo todo a erguer-lhe à pira.

Do Antártico a Calisto
 O âmbito se busque: neste espaço
 Se guarde o peito, e se sepulte o braço,
 Que a Grécia tem já visto
 De rápidas Campanhas
 Tinto no Sangue: Ó Céus! ele às entranhas
Da Terra desce, aqui um termo breve

¹⁹ - Na versão publicada por RIBEIRO, atualizada a ortografia, está: “Aonde estão os grandes, onde as glórias,/ com que a Pátria te honrou, tantas vitórias?” Há uma evidente inversão do sentido dos versos na dita versão, pois a pergunta imprecisa que se faz é onde estariam os grandes, as glórias e as “tantas vitórias”. No *Manual de Obras*, a pergunta é outra, feita diretamente a Alexandre, pela invocação “ó grande”. Pergunta-se onde estarão, depois de morto, as suas glórias, dadas por “tantas vitórias”.

²⁰ - Em RIBEIRO está escrito: “As legiões distantes/aos limites das terras verdadeiros,/ nós te vimos marchar entre os guerreiros”. O sentido dos versos modifica substancialmente. Quais seriam os limites “verdadeiros” da terra? E qual sua relação com as “legiões” distantes? Parece ter mais nexo lógico e poético a versão acima do Manual das Obras, que exclama o triunfo de Alexandre às regiões mais distantes, aos limites últimos da terra.

²¹ - Em RIBEIRO está grafado “Universo”. Não tem muita lógica ser este o termo original, pois a indagação que os versos anteriores colocam é sobre até qual parte do Globo Alexandre almejava estender o seu Império. A “vasta extensão do Oriente” parece ser uma resposta mais condizente do que a “vasta extensão do Universo”, quanto mais que a apenas dois versos abaixo o poeta já vai usar o termo universo: “Alexandre, que dera tanto susto ao Universo...”

*Sobra ao Sepulcro, e o cobre a areia leve.*²²

Grandes, que arrebatados
 Da soberba ambição levais a guerra
 Às mais longínquas regiões da Terra;
 Agora debruçados,
 (Se é que o pasmo o concede,
 Sobre o Sepulcro de Alexandre; vede
 Como eloquente o seu Silêncio dita
 Os desenganos que a razão medita.

Filósofos de Atenas,
 Os Pórticos deixai de Themis clara;
Liceu mais digno um morto vos prepara.

*De Academo as Serenas*²³

Estudiosas horas
 Abandonai; Tu, que divino foras,
 Sábio Platão, se esta doutrina leras
 Como tardas a vir? Que mais esperas?

Mas já dizer-te escuto
 À vista do espetáculo funesto;
*Este do herói o desprezado resto!*²⁴
 Das Conquistas o fruto
 Outros a colher correm;
 Se quentes inda de Vitórias morrem
 Os dominantes d'Ásia; Oh! E quão pouco
 Dista o orgulho de um Grande, ou já de um louco.

O Sábio de Estagira

²² - Em RIBEIRO, “Da terra desce aqui em termo breve,/ sobe ao sepulcro, e cobre-o a terra leve”. Desta feita, apesar de ter sentido diverso dos manuscritos do “Manual”, a expressão apresenta sentido lógico e poético. Como não tivemos acesso aos manuscritos da fonte de onde Ribeiro retirou sua versão, não podemos formar aqui nenhum juízo de valor.

²³ - Em RIBEIRO, ob. cit.: “Lição mais digna um morto vos prepara,/ da Academia as serenas estudiosas horas...” Novamente, o sentido é diverso, mas ambas as versões apresentam uma lógica. “Academo”, registrado na versão do *Manual*, foi um herói ático cujo túmulo, rodeado por um bosque sagrado, segundo a tradição, serviu de local para Platão fundar, entre 386 e 385 a.C. sua Academia de Atenas.

²⁴ - Em RIBEIRO, ob. cit., está grafado “Este do herói o desgraçado resto?”

Deixa que entre, e registre a infausta Cena;
 Ele é que as honras funerais ordena
 Ao Vencedor, que expira.
 Eu te instrui prudente
 Na temperança, diz, hoje presente.
 Hoje a meus olhos, tu, lição mais pura
 Me intimas desde a fria Sepultura.

 A tropel vem chegando
 Os mais, que a Grécia nos seus fastos conta;
 Aqui Demétrio, ali Metron se aponta;
 *Filotas*²⁵ está dando
 A distinguir seu rosto;
 Xenofonte, Solon, *Filaton*²⁶, posto
 Cada um sobre o Túmulo, feridos
 Da penetrante dor, lançam gemidos.

 Tu, Filemon famoso,
 Que do teu General honraste o lado;
*Tu que no Trono feroz, ao Scita ousado*²⁷
 Disputaste brioso;
 Se te vejo este dia
 Sufocar toda em Luto a Alexandria,
 Quando cingido de abrasadas Luzes
 Do augusto Chefe o féretro conduzes.

 Tu só por derradeiro
 Deves alçar a voz; ao giro em roda,

²⁵ - Em RIBEIRO, ob. cit., “Philotes”. Este nome se refere, na Mitologia Grega, a um “espírito” que personificava a amizade e o carinho, também associado ao sexo. Talvez seja mais sensato pensar que o poeta queria se referir mesmo a Filotas (Philotas), como aparece no *Manual*, pois este teria uma ligação estreita com Alexandre Magno.

²⁶ - Em RIBEIRO, ob. cit., “Philaon”, de que não pudemos descobrir referências no mundo antigo. Assim como também desconhecemos a origem do nome Filaton (Philaton), como aparece no *Manual*.

²⁷ - Em RIBEIRO, ob. cit., “Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado”. Thrace seria uma região ao sudeste da Europa, entre a Grécia e a Turquia. Lá reinaria Thrax, na mitologia grega filho de Ares, Deus da guerra. O reino de Thrace seria aliado dos troianos na Guerra de Tróia. Scita seria um povo seminômade, na mitologia grega, nascido da união entre Zeus e o Rio Boristene. Heródoto já se referira ao Rei dos Scitas, de nome Skula.

Que levam²⁸ já teus olhos, pende toda
 Junto ao morto Guerreiro
 A officiosa Assembleia:
Das humanas grandezas uma ideia
Príncipes, vos aterre; estes espectros
Falam só com os diademas, e com os Cetros.

 Ah! possa um destro engenho
Sobre a Campa do Herói deixar gravado
Alto letreiro à idade encomendado!
 De o consultar eu venho
 Nas Áticas fadigas;
Caminhante, aqui jaz, (mais não prossigas,)
Quem o Mundo a si todo viu sujeito
Para ocupar do Mundo um campo estreito.

²⁸- Em RIBEIRO, ob. cit., “cevam (cevão) já teus olhos”. Não nos parece próprio aí o termo, sinônimo de nutrir, saciar, regozijar, satisfazer...

Carta de Alexandre
a sua May^a Olympias

Alexandre tocando a sua
ultima hora fez chegar o seu Secretario,
e lhe dictou a carta seguinte, dirigida a
sua May^a Olympias = Alexandre,
que Contem era o Senhor de toda a Terra,
e que hoje vai a ser enfiado nas suas
entranhas, a Olympias, a mais terra
de todas as May^s, que elle portou pou-
co tempo vivo, e que elle não tornará a ver
já mais; Saudes = Meos antepassados
metem aberto o caminho aonde eu me
vejo, e eu vou a abrilo á aquelles, que
Jam se virão depois de mim; Voz mes-
ma, May^a infeliz, voz marchas atrás
dos meus passos: Corre pellos homens,
o mesmo que pelos dias; elles se succedem
rapidamente hums á os outros, e vão a
perder-se no abismo da Eternidade: não
vos deixeis pois enganar pelos atractivos
deste Mundo mentirozo; mais são grandes

42

os seus favores, menos elles são duravéis.
Ofício trágico de Rey Felippe meo Rey,
 he hum exemplo bem edificante: Suas
 virtudes, seus triumphos, vossos vatos, vosso
 amor, nada tem podido evitar o golpe
 mortal, que de vos o roubou; e posto que
 eu morro no vigor da minha idade, elle
 com tudo me não pôde sobreviver: Su-
 portai constantemente a minha perda
 e não deixeis correr Lagrimas, iquatin
 indignas de vós, e de mim: passai na
 solidão os dias, que a viver vos restão; ou
 se vos austa o letiro, não admitais na
 vossa companhia mais do que aquelles,
 que não howerem supportado as pro-
 vas da adversidade; O seu pequeno nu-
 mero, (se com tudo algum há na terra
 perpetuamente feliz), será para vós
 hum motivo de consolacao.

Quanto a mim, eu parto; os Lu-
 gares que me esperão, me offerecem lu-
 ma tranquillidade, que eu já mais pude
 aqui gozar. A pretexto dos tenros laços,
 que me unem vos não deixeis dominar
 pelas afflicções; esta he a ultima prova,

43

que exige de vosso amor hum Filho, que vos respeita. Pousa esta carta, que eu dato do ultimo dia deste Mundo, e do primeiro do outro a doçar as vossas penas, e sollear vossos males. Eu odeijo, e eu medixonjeo, não facies mentiroza humma esperanca tão consolante para mim, e não contristeis a minha Alma por humma dor inmoderada. A Deos.

Olympias, depois de ter lido a Carta de Alexandre, fez preparar hum festejo, e indifferentemente mandou convidar todos os habitadores da cidade, em que ella se achava. Ella ordenou somente ao seu Ministro de Cerimonias de não deixar entrar mais que aquelles, que o assegurassem de não haver ressentido em todo o curso da sua vida alguma afflicção. O Official annunciou a todos aquelles, que se apresentavao a condicão, que havia imposto a Rainha: O Retiro de todos os convidados descobrio a Olympias, que a adversidade é commua a todos os homens; e ella passou a consolar-se com a morte do seu Filho.

44

O Corpo deste Principe foi encer-
rado em hum Esquife de Ouro, que Pile-
mon, hum dos seus Generaes, conduzio
a Alexandria. Logo que a pompa
funebre foi chegada a esta Capital do
Egipto, o Esquife foi depositado no meio
da Praça publica; ella estava cheia de
hum grande concurso de Povo, que hum
espectaculo tao extraordinario ali havia
attrahido.

O General Macedonio para
honrar as exequias do Conquistador do
Universo, cridenou aos Filozofos, e aos Sa-
bios de celebrar as suas virtudes, e de fazer
o seu elogio; de maneira com tanto, que os
seus discursos nesta triste circumstancia com-
prehendessem coizas consolantes para os
Amigos de Alexandre, e instructivas para
todo o Mundo.

Pilemon, elle mesmo Levantando-se
primeiro, e avexinhando-se ao tumulo disse:
Nos temos diante dos olhos hum exemplo
bem tocante do nada das grandezas humanas.
A adversidade, O Alexandre, que como lu-
ma levava a marchaiva por detras de ti pre-

45

precede hoje os teus passos, e a felicidade, tua fiel companheira tem deixado os teus lados por lir tomar o assento da verdade.

Reys da terra, que este Herói tem vindo, chorai a vossa sorte, se hé que vós atreveis a fazelo, vendo a sua.

Platao disse = O tú, que enganado por huma gloria van querias devorar tudo, outros vão a levother o fructo dos teus trabalhos, e das tuas fadigas. de tantas Conquistas nada mais te resta, que a conta terrivel, que estás obrigado a dar ao Soberano Julgador.

Aristoteles disse = Nós caminhamos todos ao mesmo termo, a que tem chegado Alexandre; tenhamos pois por aquilo que deve durar eternamente o mesmo a ferro, que temos por aquilo que hé passageiro.

Pilotas disse = Não nos admiremos de que Alexandre nos não haja dado alguma instrucão durante a sua vida; elle previa que a sua morte seria para nós Eua licaõ sufficiente.

Metron disse = Contem o Universo

46

em silencio ouvia as tuas palestras, ouves tu preexistente aquellas, que nos te dirigimos?

Sis disse = Alexandre não temer de morrer tem feito acabar milhoens de homens; Como não tem elle podido rebater a morte p.ela morte?

Demetrio disse = O teu de quem a colera era tao terrivel, por que te não tens posto em colera contra a morte para a forçar a retirar-se?

Lilopater disse = Contem atua voz fazia vacillar os Imperios, e a sombra do teu Trono cobria toda a Terra; hoje o teu Trono é destrocado, e a tua voz se acha em mudecida.

Solon disse = Já mais os discursos de Alexandre, não tem sido tao eloquentes como o silencio, que elle agora observa.

Menoforte disse = O golpe da morte não deveria surpreender os homens, mas elles cerrão os olhos, e tapam os ouvidos no temor de a ver, e de a ouvir.

Pison disse = Mortaes não clorẽs, ←

17

aquelles, que tem cessado de chorar, derramam as lagrimas sobre vós mesmos.

Pilaton disse. -- O' tu, que achas o Universo eum campo muito limitado para a tua ambicao, como te contentaras hoje de hum lugar tao estreito como o de hum tumulo?

Logo que os Pilozofos tiverao cessado de falar, Roxane, a mais amada das Esposas de Alexandre se poz no meio da Assembly, e abraçando o feretro = Grande Rey, gritou ella, Quao imaginava quando tu venceste a meu Rey Dario, que o teu Reyno se veria ser tao brevemente destruido. Voltando se depois com hum ar de indignacao ao lado dos Pilozofos, fraes aduladores de Alexandre jurante a sua vida, vós ouzais, theos dis ella, tornar-vos Censores seus depois da sua morte; se em lugar de fazer o elogio deste Heroe, vós tendes pertencido insultar os seus Manes, Lembrai-vos que vós sois mortaes como elles; e que obrigados pella vossa proficao a huma virtude mais austera, se vos farão hum dia com mais justiça as mesmas Repreheçoens,

48

que vos prezertemente lhe farão.

Olympias, que pendente esta
triste cerimonia tinha estado debricada
sobre o tumulo de seu filho, Levantou-se,
e falando com elle — O Filho assaz
ambicioso, a que eu te havia pronosticado
te hã emfim succedido, muito avido em
Conquistas tu tens feito a do Universo, eo
Universo hi hoje nada para ty. H



49

Junto á Urna de Alexan-
dre o Magno.

Ode

Cercando a Urna de Ouro
 Cuvejo aos Generaes do forte Grego;
 A fria Sombra me avizinho, e chego;
 Observo o miraxo Loiro
 Na descorada Testa;
 Nada do antigo Resplendor lhe resta;
 Mal da languida maõ de industria prezado
 Cale, ou pende do Sceptro o inutil pezo.

2

Se serás de Pelippe
 O Vencedor Herdeiro? aqui pergunto.
 Deixa, que ao Mundo a teu Cadaver junto
 Este avizo ardeipe;
 Elle não pode creter:
 Se hoje Olympias por ti Lagrimas verte,
 Aonde estav, o Grande, aonde as glorias
 Com que a Patria te honrou tantas victorias?

50

5.
 As Regiões distantes,
 Nos Limites da Terra serradeiros
 Nos levimos marchar entre os Guerreiros
 Esquadroens triunfantes:
 Te os Reinos da Aurora
 Levaste o ferro, e achamã abraçadora;
 Mãz desde o Indo, e desde o Idaspe, cheijo
 Voltas de Luto, e a Terra te abre o seio.

A

O que espaço te espera
 Do Conquistado Globo? acaso avasta
 Extençaõ do Oriente? al não, não basta.
 A Alexandre, que dera
 Santo susto ao Universo;
 Que afrontando o terror de Marte adverso
 Renovos Mundos a Conquista aspira
 Não basta o Mundo todo a erguerlhe a pira

5

51

Do Antartico a Calisto
 Oambito se busque: neste espaço
 Se guarde o peito, e se sepulte o braco,
 Que a Grecia tem já visto
 De Capidas Campanhas
 Tinto no sangue: O Céus! elle as entrancas
 Da Terra desce, a qui hum termo breví
 Sobra ao Sepulcro, e oóbrev a area leve.

6

Grandes, que arrebatados
 Da Sobexba ambicao Levais a guerra
 A's mais Longinquas Regioens da Terra,
 Agora debrucados,
 (Se he' que opasmo o concede,)
 Sobre o Sepulcro de Alexandre, sede
 Como eloquentes o seu Silencio dita
 O's enganados que a lezaõ medita.

52

7
 Pilozofos de Athenas,
 Porticos deixai de Plênis clara;
 Licô mais digno hum morto vos prepara.

De Academias Serenas,
 Estudioxas Loras
 Abandonai. Tu, que divino foras,
 Sabio Platas, se esta doutrina Loras
 Como tardas a vir? Que mais esperas.

8

Maiz já dixer te edulto
 A vista do espetaculo funesto;
 Este do Heroe o desprezado esto!

Das Conquistas o fructo
 Outros a colher corrend;
 Se quentes inda de Victorias morrend
 Dominantes d'Azia; O! Equam pouco
 Distá o Orgulho de hum Grande, ou já de hum Lou

575

9

O Anjo de Estugira

Deixa que entre, e legiste a infauusta scena,
 Elle he que as honras funeras ordena
 Ao Vencedor, que espira.
 Cate instruli prudente
 Na temperanca, dis, hoje presente
 Hoje ameus Olhos, tu, Liccaõ mais pura
 Me intimas desde a fria Sepultura.

10

A tropel vem chegando
 O mais, que a Grecia nos seus Fastos conta,
 Aqui Demetrio, a Si Metron se aponta,
 Pilotas esta' dando
 A distinguir seo Costo;
 Xenofonte, Solon, Pilaton, posto
 Cada hum sobre o Tuimulo, feridos
 Da perretraste dor, Lancas gerridos.

54

11
 Tu, Pilemon famoso,
 Que do teu General tomaste o lado;
 Tu que ao Braco feroz, ao Soito cruzado
 Disputaste brioço,
 Sete vejo este dia
 Sofocar toda em Lucto a Alexandria;
 Quando cingido de abraçadas Luzes
 Ao Augusto Reife o feretro: conduzes.

12

Tu só por derradeiro
 Deves alçar avéz; ao giro em roda,
 Que levão já teus olhos, perde toda
 Junto ao morto Guerreiro
 A officioza Assambeia:
 Das humanas grandezas huma idea
 Principes, vos a terre; estes espectros
 Vallão só cós diademas, e cós Sceptros.

55

Não possa hum de stro engenho
 Sobre a Campa do Herce deixar gravado
 Alto Letreiro a cidade em recommendado.

De o consultar eu venho
 Nas Atlicas Jodigas,
 Caminhante, aqui já, (mais não prosigas,
 Quem o Mundo a si todo vio sujeito
 Para occupar do Mundo hum campo estreito.

O. Mda.

Referências

AGUIAR, M. Editar Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga: um diálogo possível. *Revista Veredas*, vol. 8, agosto de 2007, pp. 171-184.

LAMEGO, A. *Autobiografia e inéditos de Claudio Manoel da Costa*, Paris, L'edition D'Art, 1919.

MELLO FRANCO, C. de. *O Inconfidente Cláudio Manoel da Costa*, Rio de Janeiro, Livraria Schmidt, 1931.

RIBEIRO, J. *Obras Poéticas de Cláudio Manuel da Costa*, Rio de Janeiro, Garnier, 1

ESTEVES, S. M. P. *A ópera de Demofonte em Trácia: tradução e adaptação de Demofonte, de Metastásio, atribuídas a Claudio Manual da Costa*, Glauceste Saturnio. São Paulo: USP, 2007.

OLIVEIRA, T. J. B. de. Comédia do mais heroico segredo – Artaxerxe. *Anuário do Museu da Inconfidência*, v. 6, 1984, p. 87-167.

PROENÇA FILHO, D. (Org.) *A Poesia dos Inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996.

VERSIANI, C. O teatro no cotidiano das Minas Setecentistas. *Revista do IFAC*, UFOP, n.3, dezembro de 1996.